

REINTERPRETANDO A ÉTICA E A JUSTIÇA NA FILOSOFIA DOS SOFISTAS

Ricardo Henrique Arruda de Paula

Mestrando em Filosofia e Ética pela Universidade Estadual do Ceará

Mestrando em Direito pela Universidade Federal do Ceará

Macesqai crh ton dhmon uper tou ginomenou okws teiceos.
(O povo deve lutar pela lei em processo, como pelas muralhas). Heráclito.¹

EX CURSO – EPISTEMOLOGIA E ARQUÉTIPOS DIALÉTICOS DE REPETIÇÃO NO MUNDO ANTIGO

A epistemologia, no pensamento antigo, faz-se mediante categorias sistemáticas de unicidade na multiplicidade (uno e díade), quer no mundo oriental quer no ocidental. O procedimento epistêmico desse sistema dialético dá-se no modo circular, autotélico (*solve et coagula*), tal qual o *mito do eterno retorno*, corolário grego, quanto do *Uróboro*, de origem sânscrita².

In illo tempore, essa concepção foi supedâneo de toda as categorias de interpretação cognoscível da realidade política, filosófica

⁽¹⁾ Os Pensadores Originários, Petrópolis, Vozes, p. 69., 1991.

⁽²⁾ Ouraboros – “Embora não se relacione com nenhuma divindade grega, *Uróboro* é um símbolo muito forte no mito. Sob este aspecto, *Uróboro* – a serpente que devora a própria cauda – configura a manifestação e a reabsorção cíclica. Traduz, simbolicamente, a perpétua transformação da morte em vida e vice-versa...”
Dicionário Mítico – Etimológico, Petrópolis, Vozes, Junito Brandão, p. 488., 1992.

e física. Sócrates afirmava o *Gnoqi Seauton* (Conhece-te a ti mesmo!) como forma de, conhecendo-se primeiramente, através da *maiêutica*, o homem poder compreender o outro³. Platão trata do mundo *eidético*, Aristóteles do *primus motus* etc.

Contudo, imperiosamente tem-se que aqui frisar que o conhecimento para o homem antigo era dialético. Conhecer é morrer, ou deixar de lado a velha 'carcaça' em prol de um mundo de luz, mas, é também voltar-se para si mesmo para se auto-perceber como homem, realizador e realizado, é o sair do ponto em que estamos para termos uma nova visão dele.⁴

Vários mitos foram criados nesse sentido e que nos comprovam estas afirmações, v.g.: o *Mito da Caverna* de Platão⁵, em que o homem que foge da escuridão e da consciência ingênua liberta-se dos grilhões da escura ignorância, fazendo o percurso da *doxa* (doxa) à *episteme* (epistemh); o mito de Protágoras⁶, que demonstra a estória de Prometeu, Epimeteu e Pandora; o canto das sereias de Ulisses⁷; Eros e *Thanatos*; Perseu e *Gorgó*, Ícaro e Dédalo, entre outros, na banda ocidental⁸.

Neste breviário, temos a tarefa de ressaltar concisamente, ante o mérito da proposta fundante que leva o título deste esforço, que a *episteme* na sua forma dialética, era preocupação de primeira ordem e *conditio sine qua non* para quaisquer entendimento e ciência ou arte desenvolvida naquela período grego, que é o que nós faremos referência mais amiúde, e que morte/vida, guerra/paz, caos/ordem, etc., são

⁽³⁾ Embora seja contundente esta afirmação, visto que o referido pensador também afirmava que "Só sei que nada sei" e pregava que apenas ninguém poderia conhecer, pois todos nada sabiam, e esta seria a única verdade.

⁽⁴⁾ Em um primeiro instante, o homem era natureza pura, fazia parte dela e dela não se discriminava. A partir do momento em que este homem saía da natureza, ele a percebe como algo a ser dominado por ele, e seu percebe, como ser social e livre.

⁽⁵⁾ Este mito encontra-se no livro *A República* de Platão.

⁽⁶⁾ Este outro mito está no livro que leva o mesmo nome, Protágoras, de Platão.

⁽⁷⁾ Este mito encontra-se na *Odisséia* de Homero, e uma boa explicação sobre em Adorno e Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, Jorge Zahar Editor, p. 53.

⁽⁸⁾ Deixaremos, proposital, de relacionar os mitos de origem oriental, principalmente os bíblicos que se relacionam com a gnose, para deixarmos para um outro momento, com maior quantidade e qualidade de tempo.

aspectos que valorizam o cerne de tudo, que é o homem em sua superação diária e ininterrupta do mundo-da-vida, que abrange a política, o direito, a filosofia, ética e antropologia.

Portanto, esse *excurso* é apenas uma singela visão do que nos propomos, mas que tem a pretensão de introduzir o leitor no conteúdo subsequente, tendo *in mente*, que a peça fundamental para o quebra-cabeça helênico, e que aqui foram mencionados na forma de arquétipos de repetição e que fundamentará todo o a posteriori, são a episteme (gnose) e a dialética, como forma democrática de se exercer e compreender a política, a filosofia, arte, direito, liberdade e demais categorias aditadas pelo mundo grego antigo.⁹

I - UM POUCO DE HISTÓRIA SOBRE A PALAVRA SOFISTA

Em suas origens, na antiga Grécia, o vocábulo sofista se utilizou para designar a quem se mostrava especialista em alguma atividade. O Professor Eleazar Magalhães Teixeira, em seu livro *Protágoras*, assim expõe a etimologia da palavra do grego, *ut p. 97, verbis ad verbis*:

a palavra *sofista* (σοφ – ιστ – ης) é derivada do adjetivo σοφος (sábio) e da raiz ιστ (saber). De qualquer forma, observe-se que a palavra por si não tem nenhum sentido pejorativo, designando, em princípio, aquele que pratica qualquer forma de σοφια (sabedoria); Prometeu é chamado *sofista* (Ésquilo, *Prometeu*, 62).

Quer seja no conhecimento instrumental de filosofia, poesia, música etc., um sofista era sempre um mestre de sabedoria, alguém

⁹⁾ Vale ressaltar um fragmento de Heráclito da cidade de Éfeso, sobre a dialética do período: “ ou xuviasin okws diaferomenon ewutw omologeei palintropos armonih toxou kai luphs” “Não compreendem, como concorda o que de si difere; harmonia de movimentos contrários, como do arco e da lira. Os Pensadores Originários, Petrópolis, Vozes, p. 71.

que se propunha a ensinar e tornar sábio a quem quer que recebesse seus ensinamentos. E os *principiis sapientis* eram a busca cotidiana na Polis grega; como diria *Nietzsche*, uns povos têm santos, enquanto que os gregos têm sábios. Essa avidez pelo saber fez da Grécia o berço da filosofia ocidental. De diversas formas este saber foi almejado: a fim de determinar o 'arqué-pantón' (ἀρχή παντων) ou *panta reid* de todas as coisas (o material que construiu tudo)¹⁰ e outras tantas formas de explicar ou modificar a realidade.

Para Agnes Heller, a palavra no mundo antigo em nada tinha do sentido pejorativo empregado a posteriori, *verbis*:

La Idea de << sofista >> es un tanto vaga entre sus próprios contemporâneos. En la Atenas clásica todavía no tenía ningún significado peyorativo. Todas las capas sociales veían entonces con agrado a aquellos pedagogos ambulantes que, por regla general, enseñaban a los jóvenes herederos de las grandes familias que dirigían el gobierno de la ciudad, sirviéndose en parte de la retórica, en parte de métodos mayéuticos.¹¹

Muito antes mesmo de se popularizar a palavra filosofia, em seu sentido de amor à sabedoria, os homens capazes de trazer grande contribuições eram considerados sábios (σοφος), e logo, por extensão, sofistas (σοφιστης).

Todos os que assumem esse qualificativo genérico são reconhecidos por importantes atividades intelectuais.

Mas, quem são os sofistas? Para nos responder, remetemo-nos, mais uma vez, a Agnes Helles, *in verbis*:

De una parte, no son atenienses, salvo excepciones, y no pertenecen al demos; proceden de diversas ciudades-esta-

⁽¹⁰⁾ Veja-se comentário crítico à filosofia essencialista de Platão, feita por Karl Popper, em seu livro "A sociedade aberta e seus inimigos", em que ele configura esse período helênico como uma busca 'apenas' pela 'matéria' que constitui esse mundo e não o sujeito que o construiu.

⁽¹¹⁾ Agnes Heller, *Aristóteles y el mundo antiguo*, Barcelona, ediciones Península, p. 22.

do y llegan a Atenas atraídos por su cultura. De otra, el suyo es un programa pedagógico que no tiene por objeto la educación comunitaria, sino exclusivamente la del individuo. No centran sus enseñanzas en el contexto de una comunidad determinada, pero enseñan a los individuos el arte de gobernar. Mantienen, pues, una relación pedagógica con los individuos concretos. Por último, aceptan y exigen un estipendio por sus enseñanzas.¹²

Como podemos ver, os sofistas foram os professores, no rigor do termo, os mestres que proporcionavam, a quem quer que seja, meios de conseguir vitória na vida, quer seja esta privada ou pública. Há uma dualidade, uma simetria no objetivo, e uma pluralidade de método.

Contudo, em virtude principalmente de Sócrates¹³, que viveu contemporaneamente ao movimento, e ao aristocrático Platão (este último sem conhecer profundamente a aqueles) o nome sofista passa a ser reconhecido como mentira, infâmia, expressão de vergonha e censura. Os motivos foram categorizados acima dos problemas acima aventados, mas que se resumem em um só: a vida pública, esta é que deveria ser privilegiada e partindo desta é que deveria vir o ensinamento, o governo, a política e o direito.

Em distintos diálogos, Platão qualifica duramente os sofistas. No Protágoras, v.g., vejamos o aconselhamento que Sócrates dá a um amigo, *litteris*:

Te oigo decir que estás a punto de confiar el cuidado de tu espíritu a un hombre que es, según dices, un sofista; pero me sorprendería bastante que supieras qué es un sofista. No obstante, si desconoces esto, desconoces por ello mismo a quién confias tu espíritu, y sei el objeto de tu confianza es bueno o malo.¹⁴

⁽¹²⁾ Opus cit. p. 23.

⁽¹³⁾ Sócrates também foi um sofista antes de desenvolver suas teses, via Platão, contra o movimento.

⁽¹⁴⁾ Platon, Obras Completas, p. 162, 312,c. Do original << Οτι μελλεις την φυχην την σουτου παρασχειν Θεραπειουσαι ανδρι, ωσφησ, σοφιστη. ο τι δε ποτε ο σοφιστησ εστιν, Θαυμαζομι ανειοισθα. Κατοι ει τουτ αωεις, ουδε οτω παραδιδωσ την ψυχην, ουτ ει οργισθ ουτ ει κακω πραγματι>> Platon, Protágoras, 312,c., Oeuvres Complètes.

Platão reprova os sofistas basicamente pelo fato de que somente ensinam meios para se alcançar um fim, sem reparar nas exigências da moral e da ética do homem público. Acusa-os de oferecer, segundo a conveniência, 1) o triunfo do raciocínio, ou argumento fraco, encima do argumento forte e 2) de fazer prevalecer a aparência ao invés da realidade. Os reduz à condição de simples artesãos de persuasão, completamente fora dos domínios da ética.¹⁵

Aristóteles¹⁶ define, por sua vez, a sofística como uma arte da aparência, completamente alheia à verdadeira sabedoria, e ao sofista como aquele que comercia com uma sabedoria aparente, não real. Cria o termo “sofisma” como sinônimo de falácia, de uma refutação aparente, mediante a qual se pode defender algo falso e confundir ao adversário (Dos argumentos sofisticos, 164 a 165, Os Pensadores), *ipse facto: Vamos tratar dos argumentos sofisticos, ...que parecem argumentos ou refutações, mas ...não passam de ilogismo.*

Embora nos diálogos, Platão ataque aos sofistas com enérgicas acusações, isso não impede que ele reconheça alguns méritos particulares. Nos diálogos Protágoras e Górgias, por exemplo, os sofistas que dão nome ao texto obtêm o respeito de Sócrates, quem, não por simples casualidade, os trata como “homens cultos e de extrema habilidade”.

Nenhum escritor ou pensador de mérito perde seu tempo atacando sistematicamente a um pensamento decadente e desinteressante. Platão sabe disso e sabe da importância dos sofistas

⁽¹⁵⁾ A grande questão que perpassa o preconceito de Platão para com o movimento sofístico é a concepção de movimento. A idealização da contingência é, para Platão, a forma ontológica e gnosiológica de apresentar-se do real, enquanto para os sofistas era através do movimento e de uma certa ‘democratização’ dos meios de atingir os objetivos últimos sócio-políticos, que residia o cerne de todo comportamento. A verdade para o primeiro é absoluta e tem um só lado, para os segundos se apresenta de várias maneiras diferentes.

⁽¹⁶⁾ Interessante mostrar curta passagem da obra de Karl Popper, *A Sociedade Aberta e seus Inimigos*, que faz referência a Aristóteles: *Posso ainda citar Aristóteles, outro adversário do igualitarismo, que, sob a influência do naturalismo de Platão, elaborou, entre outras coisas, a teoria de que certos homens, por natureza, nasceram para ser escravos.* P. 106.

para a sociedade e Estado grego, mas os teme diante do momento histórico que passava a polis grega.

Se detivermo-nos no pensamento de Platão, principalmente em relação ao direito, podemos constatar que ele não aceitava as mudanças políticas: aborrecia-o o processo, o ponto propício para ele era o “repouso”.

Na obra que obteve tradução errônea em línguas latinas: A República¹⁷, Platão explica o que entende por justiça; aquela que é aplicada para o bem do Estado e, só depois, é aplicada ao indivíduo. Platão acha justa a diferença de classes assim como o bem-estar do Estado.

Este é Platão, e aquelas são as acusações contra os sofistas.

II - O APORTE DE HEGEL AO TEMA

Hegel, em seu livro, *Lecciones sobre Historia de la Filosofia*¹⁸, publicado em 1833, tem o mérito de realizar o primeiro grande esforço de reinterpretar o papel dos sofistas. Ele inaugura outra percepção a respeito dos sofistas, criando para eles uma nova dignidade ou resgatando-a, e os converte em mestres da Grécia antiga. Sustenta que chegaram a substituir os poetas e rapsodos, os antigos mestres, para criar uma nova cultura:

La necesidad de educarse por medio del pensamiento, de la reflexión, se había sentido en Grecia antes de Pericles: comprendíase que era necesario formar a los hombres en sus ideas, enseñárlas a orientarse en las relaciones de la vida por medio del pensamiento y no solamente por oráculos o por la fuerza de la costumbre, de la pasión o del sentimiento

(17) O certo é Polithias que se traduziria por A Constituição.

(18) Ver, também, G W F Hegel, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, Suhrkamp, Frankfurt am Main.

momentáneo; no en vano el fin de Estado es siempre lo general, dentro de lo que queda encerrado lo particular. Los sofistas, al aspirar a este tipo de cultura y a su difusión, se convierten en una classe especial dedicada a la enseñanza como negocio o como oficio, es decir, como una misión, en vez de confiar ésta a las escuelas; recorren para ello, en incesante peregrinar, las ciudades de Grecia y toman a su cargo la educación y la instrucción de la juventud.¹⁹

Com os sofistas termina a era do crer, do aceitar na forma irreflexa. Retrocede o império da fé e começa a era do indagar. O pensamento agora se lança na busca de princípios lógicos e gerais que permitam julgar por si mesmo tudo aquilo que pode ter vigência e ser admitido como válido. Começa o processo de comparar consigo mesmo o conteúdo positivo das coisas, abandonando, deste modo, a autoridade dos oráculos, os mitos e as lendas heróicas transmitidas pelos antigos poetas. Os sofistas removem uma larga e respeitável tradição, criam uma nova cultura onde já não há espaço para o respeito à autoridade consagrada, onde o discurso é mais válido que a ciência da mântica, onde o saber aplicar a lei é melhor que simplesmente só sabê-la existente.

Pela primeira vez na história do ocidente formam-se pessoas autônomas, com capacidade para pensar, para intervir lucidamente nos assuntos públicos mediante o discurso. Substitui-se o prestígio dos poetas e adivinhos pelo discurso e uso expressivo da palavra, substitui-se o verso e a ataraxia dos visionários pela afiada e segura lei.

A sofística destinava-se a desenvolver a vida pública através da retórica. Hegel chama-os *principalmente, maestros de elocuencia* (opus cit., tomo II, p. 14). *La retórica consiste na técnica (τεχνη) do falar, do encantar e seduzir aos ouvintes por meio do discurso.* Ela é um instrumento que possibilita a persuasão. É uma capacidade que surge como produto de aplicação de um saber e não de um inexplicado talento divino. É baseada em regras gerais e conhecimentos seguros.

⁽¹⁹⁾ Opus cit., tomo II, p. 12.

Aristóteles, contrariando a este pensamento, define a retórica como a faculdade de considerar especulativamente os meios possíveis de persuadir ou de prestar verossimilitude a qualquer assunto.

É preciso advertir que não é o mundo das coisas materiais o objetivo imediato da retórica, senão as palavras e o discurso. Górgias a separa de qualquer atividade manual e insiste em que somente se baseia na palavras, *in verbis*: ...*la rhétorique...son oeuvre uniquement au moyen de la parole*.²⁰ Sua meta não é o conhecimento ou a procura de algumas verdades. Trata-se sim, do domínio de uma destreza orientada para a comunicação persuasiva e, portanto, instrumental.

III - POLIS E DEMOCRATIZAÇÃO DA JUSTIÇA

Protágoras narra, através do mito (μυθος - palavra, discurso/ /mensagem) a origem do homem²¹: Combinando a terra, o fogo e outros elementos, os deuses criaram a vida, e decidiram incumbir aos irmãos Prometeu e Epimeteu a distribuição das qualidades convenientes para que a vida possa se desenvolver no mundo. Epimeteu assume esta tarefa. Todos os animais irracionais adquirem qualidades diversificadas, uns voam, outros nadam etc., porém, o entusiasmado Epimeteu não reservou aos homens nenhuma.

Prometeu tenta solucionar o problema se apoderando do segredo da arte do fogo (técnica) e entregando (a) aos homens. De posse deste segredo (técnica), os homens puderam cozer seus alimentos e se proteger do frio. Satisfeitas estas necessidades primeiras, surgiram outras. Os homens queriam construir cidades e, para que isso ocorresse, precisavam se agrupar e respeitar uns aos outros, tendo noção de seus limites²². Aqui começa a discórdia pela falta de

⁽²⁰⁾ Gorgias, 450,c.

⁽²¹⁾ Aqui Protágoras inicia a narração do mito de Prometeu, que encontra-se em versão semelhante em Êsquilo e nos "Erga" de Hesíodo. Neste último, a humanização do homem deve-se a presença de Pandora, pois, antes dela, o homem era ser autóctone e assexuado, deixando bem claro, para o espírito de Hesíodo, que a família seria a base da sociedade.

⁽²²⁾ Muito se assemelha, esta passagem do mito, com os primeiros contratualistas, principalmente Hobbes e seu Leviatã.

justiça, de lei, do contrato que firmasse as regras do bom convívio entre os homens e de falta de temperança no agir.

Prometeu havia lhes dado meios para sobreviver, porém não para conviver. Tinham a técnica, porém careciam do conhecimento da justiça e, por conseguinte, da política.

Zeus não demorou a atender aos homens. Logo Zeus colocou à disposição dos homens a justiça, para que pudessem construir relações estáveis de colaboração de uns com os outros.

O designado para esta missão é Hermes para levar aos homens *aidos*(αἰδώς) e *diké*(δική) : *Zeus alors, ... envoie Hermès porter aux hommes, la pudeur et la justice... (322,b)*. *Aidós* significa o senso do pudor, modéstia (moderação), enquanto que *diké* significaria a justiça²³. Continuando, pergunta Hermes a Zeus como deveria distribuir estas qualidades, no que o último responde que fossem distribuídas a todos os homens em partes iguais, pois é preciso que todos sejam partícipes da justiça e tenham acesso a ela, e vivam com consciência de seus limites, portanto, com moderação, respeitando uns aos outros.

A partir deste mito, surge a concepção social da justiça e da educação e o cultivo da inteligência pessoal com fins práticos. O direito não é algo inato aos homens, mas vem como forma de garantia para a sustentação da própria vida.

Todos estão obrigados a participar do Estado, pois todos têm a justiça e sabem os limites (moderação) de seus atos. Não é preciso que todos os homens sejam arquitetos, pintores, ceramistas, médicos etc., porém a virtude da justiça aplicada à política devem todos possuir.

⁽²³⁾ W. Jäger, na *Paideia*, p. 91 e ss., narra-nos que a lei escrita surgiu com o uso abusivo, pelos magistrados, dos usos e costumes. E este direito, que eram as leis escritas, fora chamado de *diké*, e "...era direito igual par todos". *Diké*, foi assim aplicado, segundo o autor, como "...dar a cada um o que lhe é devido." *Thémis* significava a deusa da justiça, mais ligada ao sentimento, enquanto que *diké* era o cumprimento da justiça. Já *nómos* significava o direito consuetudinário, anterior ao escrito e mais adequado a idéia de justiça.

A Polis surge deste consenso harmonioso da justiça e política. Sem estas duas (justiça e política) a Polis desvanece, ou melhor, nem existe. O espaço social que aquelas representam, como expressão de comunidade e como existência de unidade, não é resultado natural ou casual, senão através do consenso, do acordo geral das partes.

Protágoras não crê na harmonia preestabelecida nem em contratos tácitos. A convivência se constrói e se reconstrói de forma autotélica e se administra –*perse* - inteligentemente mediante a justiça e a política e tem fundamento na educação – Paidéia (παιδεία). A ausência de leis torna impossível a convivência entre os homens, apesar da técnica.

O ensinamento dos sofistas mostra que existem situações na vida em que o homem tem que tomar decisão frente a circunstâncias diversas e que a realidade é processual, portanto, não estável e imutável.

Pródico narra-nos outro mito, o de Hércules diante das duas mulheres, uma representando a *virtude*, que vem com o trabalho, o social e demais problemas relacionados à polis, outra o *prazer*, com todas as vicissitudes pessoais e mostra que é preferida, pelo herói, a primeira, demonstrando que os valores buscados pelo movimento sofístico não eram voltados exclusivamente para um relativismo exagerado, mas para a polis, o trabalho e a convivência através da justiça.

IV - A VERDADE

O verdadeiro “nó da questão” é a proposta sofística de ‘relativizar’ os valores éticos-jurídicos e todo o conhecimento, tornando, para seus acusadores, impossível o reconhecimento da verdade objetiva, permanente entre os homens, logo, absoluta.

Platão, como sempre, vem ao encalço dos sofistas acusando-os de só ensinarem meios de se alcançar fins, sem respeitar as exigências da moral e os critérios da verdade objetiva.

Protágoras e Górgias dizem que para cada tema da vida há várias proposições, e propõe renunciar a qualquer tipo de critério de objetividade, e abrir um espaço ilimitado à comunicação e à liberdade de pensamento, tal como acontece no Mito de Hércules narrado por Pródico. Este método possibilita considerar a realidade sobre todos os ângulos, a defendê-la ou atacá-la.

Algo passa a ser bom para alguns, ou para alguma cidade, mas não para outra, ou para determinada ocasião. E, como o *deus Janos* que tem duas faces, o homem deve observar as duas vertentes da vida e empregar os argumentos mais favoráveis à causa defendida.

Protágoras propõe que se veja a realidade através do *homo mensura*. Quando trata da verdade, Protágoras lança sua famosa frase, *ipsis literis*: *O homem é a medida de todas as coisas, das que são, que não são, das que não são, que não são*²⁴. Esta frase²⁵ está longe de representar uma exaltação à experiência sensorial e a individualidade, bem como à falta de eticidade. Significa sim, a gênese do sentido do valor que o conhecimento tem para os homens, como também a funcionalidade de todas as coisas em detrimento do homem. Neste sentido, Protágoras, o mais importante do movimento sofístico, faz *Antropologia filosófica*.

Platão, no Teeteto (152,a), faz Sócrates dizer sobre esta sentença que se trata apenas de um relativismo sem credibilidade. O que carece de análise crítica e menos abrasiva.

Na realidade, esta frase é genial. Cada homem (não mais 'o homem') fabrica seu próprio mundo e tem idênticos direitos para

⁽²⁴⁾ Protágoras, tradução Professor Eleazar M. Teixeira. Do original: <<Παντων χρηματαων μετρον εστιν ανθρωπος, των μεν οντων ως εστιν, των δε ουκ οντων ως ουκ εστιν>>

⁽²⁵⁾ Segundo Agnes Heller, na obra já citada: "No se trataba de una profesión de fe gnoseológica o de la expresión de una teoría subjetivista, sino del resumen del programa y orientación sofísticos. Para ellos, la expresión << el hombre es la medida de todas las cosas >> significa que las cosas no tienen valor más que desde el punto de vista de la vida humana; que todo descubrimiento, toda verdad científica no tienen valor, sino desde la perspectiva de su aplicabilidad y su utilidad práctica para el hombre. P. 27 ut 28.

reclamar a validade. A partir daqui, já não é possível estabelecer uma verdade absoluta.

“Homem”, na frase, é entendido na forma do gênero humano, tanto que está representado em grego pelo termo *antropos* (ανθρωπος) que é o gênero humano, não *andros* (ανδρος) que é espécie. “Coisas” tem o sentido de qualidade. O homem dá validade, sentido (axiológico), às coisas, da forma como são ou da forma como os homens a apresentam. Seria esta uma posição mais lúcida. Ou seja, o mundo humano é, porque o homem o faz ser, dando sentido a ele, valorando-o. Isso tem implicação na filosofia, na política e no direito.

O homem é o critério pelo qual existem as plantas, as pedras ou os astros. Somente se pode falar de uma medida quando se trata de valorar. O homem não é a medida da existência do mel, senão de que esta cepa seja doce ou não, ou melhor, é a medida da valoração do mel como impressão de doce, de mais doce que um outro mel ou menos que o mesmo, da sua qualificação.

Protágoras desaloja a objetividade, mas não se trata de erguer flâmulas de um solipsismo. Friso mais uma vez²⁶.

Em nenhum caso o sofista aceita verdades totalmente absolutas, que não possam ser contrariadas, ou reavaliadas, ou então, que não mudem. Cada povo pode construir sua própria ética e suas próprias normas. A cidade apresenta, com eles, contornos geográficos mais definidos, e contornos legais mais democráticos.

Dois dos agressores do movimento, Sócrates e Platão, não saberiam explicar o porquê dos litígios no mundo a não ser a não coincidência de pensamento.

Não existe um critério único da verdade. O que nós mesmos comunicamos não são as coisas existentes senão o discurso; e este apresenta uma verossimilhança com a realidade, mas não é a própria realidade, esta última é processual.

⁽²⁶⁾ Veja o comentário sobre os termos gregos: homem e coisa (Ricardo Henrique Arruda de Paula).

Não existe uma verdade válida para todos os homens, como tampouco existe uma lei ou uma ética que chegue a ter o mesmo significado para todos os casos. Aquilo que se considera bom e útil, depende necessariamente de quem julga e das circunstâncias em que o fato ocorre.

Na realidade os sofistas apresentam novas formas de se interpretar o fato através do discurso e passam a conceituá-lo de acordo com a proposta que existe para a apreciação daquele caso concreto.

Assim, a acusação freqüente de que os sofistas tornam verdadeiro o falso e aceitável moralmente o repudiável não tem fundamento. Tal argumento exige, tacitamente, uma verdade absoluta e que alguém a possui, e não vê que a realidade é processual, como mais de uma vez aqui estamos citando.

A comunicação entre os homens não seria possível se a realidade fosse completamente coincidente, ou seja, a palavra, o discurso, não está fundada absolutamente no princípio da identidade, no ser, na textura uniforme e coerentemente privilegiada, mas sim na adversidade.

O discurso é a necessidade do homem em se locomover dentro da realidade. Pródico mostra que os deuses são realidades naturais essenciais à vida humana nomeadas.

Quanto ao argumento de que nos traz, sobre a justiça, desta feita, Trasímaco, no livro I da República de Platão, 338, c, de que é a que convêm ao mais forte, ele não quer fazer, de forma alguma, apologia ao direito do mais forte; Trasímaco faz uma interpretação da justiça tal qual a observa no dia-a-dia da polis, naqueles 'novos dias'. Não está interessado em uma versão ideal (que não mostre assento no mundo-da-vida), mas na justiça real. A justiça real para ele é aquela encoberta por relações de poder, e ele a mostra e demonstra.

Portanto, chega-se à conclusão que a política e a justiça fazem parte de cada cidadão, e cada um tem sua parte, seu direito; que o discurso pragmático apregoado pelos sofistas não desnatura o valor do conhecimento, apenas faz dele aquilo que já era depositado, dito de

Aquiles: o fazedor de discurso e realizador de obras; ser cidadão e conhecedor da verdade é um direito de todos, não mais de iluminados; todos têm lugar privilegiado através da comunicação da palavra; a ética do consenso traz aos homens a igualdade de direitos e reconstrói a democracia, tal qual a vivida por Péricles; e, por último, o fim dos universais e da revelação; aquelas posturas radicais que colocavam barreiras ao pensamento livre.

Agora, por conseguinte, o homem tem que raciocinar e provar, construir, discutir, buscar acordos, contudo, tudo isso dependendo única e somente de seus próprios recursos, através da comunicação do discurso, da dialética e do direito sabendo que a realidade é dual.

Com os sofistas, surge a chamada cultura humanista da filosofia antiga, como nos passa Giovanni Reale em sua *História da filosofia*, p. 74.

A partir daqui temos condições de responder à pergunta de Sócrates: Que é o sofista? *Τι ηγει ειναι τον σοφιστην*: E admirarmos estes desafiadores, que, tal qual Prometeu, não se curvaram diante dos poder e ousaram.

V - CONCLUSÃO

O presente ensaio tenta fazer uma análise rigorosa do movimento sofístico, expondo de maneira ampla e procurando justificar o pensamento dos que o compuseram e dos que o criticaram. A análise alça vôo a partir de diálogos épicos que tratam do assunto, muitas vezes, quando possível, a partir de textos originais, em grego clássico, que tivemos oportunidade de estudar.

Através do que em linhas passadas foi aqui cogitado, e tendo como premissas a ética, a dialética, a liberdade, o direito, a política e a pedagogia, conclui-se que o movimento sofístico foi muito importante

e iluminou o momento ante-socrático e socrático, trazendo lampejos que brilham até hoje na modernidade, e estes lampejos se traduzem em outras tantas categorias, que fortificam a democracia e a idéia pluridimensional de justiça e de ética.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. Os pensadores. Abril Cultural, São Paulo, 1979;
- ARISTOTE. Art Rhétorique et Art Poétique. Paris, Garnier, 1978;
- _____. Éthique de Nicomaque. Paris, Garnier, 1978;
- ADORNO, Horkheimer. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985;
- BRANDÃO, Junito. Dicionário Mítico—Etimológico, vol. II, j-z. Petrópolis, Vozes, 1992;
- HEGEL, G.W. F., Lecciones sobre la Historia de la Filosofia. Fundo de cultura económica do México, México, 1985;
- HEGEL, GWF, Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte. Frankfurt am Main, Suhrkamp.
- HESÍODO, Os trabalhos e os dias. São Paulo, editora Iluminuras, 1991;
- JÄGER, Werner. Paidéia. Martins Fontes UNB, Brasília, 1989;
- HERÁCLITO, Anaximandro, Parmênides. Os Pensadores Originários. Petrópolis, Vozes, 1991;
- PENSADORES, Pré-Socráticos. São Paulo, Abril Cultural, 1978;
- REALE, Giovanni. Para uma nova interpretação de Platão. São Paulo, edições Loyola, 1997;
- _____. História da Filosofia, vol. I. São Paulo, edições Paulinas, 1990;
- PLATÓN. Obras completas. Aguilar, Madrid, 1990;

- PLATON. Protagoras. Tome III, Les Belles Lettres, Paris, 1997;
- POPPER, Karl. A Sociedade Aberta e seus Inimigos, tomo 1. São Paulo, editora da Universidade de São Paulo, 1987;
- TEIXEIRA, Eleazar Magalhães. Platão. Edições UFC, 1986;